ALVORADA

1.º Anno — SEMANARIO REPUBLICANO — Numero 11

Editor, Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da Republica, 154
GUIMARÃES

Director, A. L. de Carvalho
Propriedade da Empreza da «Alvorada»

Guimarães, 4 de fevereiro de 1911

Administrador, Rodrigo Pimenta
Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranense
R. DE PAYO GALVÃO

Exemplos e contrastes

Ante a commemoração do vigesimo anniversario da mallograda revolta de 31 de janeiro, dois factos ha bastante curiosos a avivar, e que parecem traçados pelo dedo caprichoso do Destino, cujos designios se escapam subtilmente ás nossas cogitações, das quaes elle parece escarnecer por um mysterio insondavel, que não sabemos explicar verdadeiramente, mas que tomamos, em geral, á conta de meros acasos ou de simples coincidencias.

As suas causas incomprehenciveis, mas fataes, atravez da historia, apparecem aos nossos olhos como um aviso ou como uma sentença.

Quando os primeiros tiros de peça, disparados sobre o edificio camarario da Praça Nova, estrangulavam de vez os ultimos arrancos da revolta acolhida já áquelle ultimo reducto, ia grande azafama no quartel de artilheria 1, em Lisboa, na rapida mobilisação de uma bateria, que, na mesma tarde, embarcou para o Porto como reforço das tropas fieis.

Daquelles tiros foi um rasgar a tela do rei Carlos por meio dos seus estilhaços, como se ao retrato fôsse mister assignalar assim o fim tragico que o esperava no Terreiro do Paço, e desse mesmo regimento, d'onde partira uma bateria para ajudar a suffocar a revolta de 1891, saía, na madrugada de 3 de outubro, a artilheria que fez vingar a revolução de agora, num contraste surprehendente em que o Destino parece ter andado empenhado, como desforço das crueis perseguições e do rigor da justiça com que o velho regimen puniu, então, os vencidos.

Foi tremenda a severidade dos tribunaes militares de Leixões para com um punhado de valentes que soube bater-se heroicamente pelo ideal em que punha toda a esperança no resurgimento de uma patria humilhada pelo escarneo aviltante dos extranhos e pelos crimes accumulados numa governação de burla e de interesses partidarios, cujos erros levariam a uma crise suprema que podia ir até á perda da independencia deste cubiçado paiz, que outr'ora brilhou fulgorosamente no meio dos povos mais civilisados do mundo, como fulgida estrella nos espaços do infinito.

E mais tremendo ainda seria o castigo se a aurora redemptora de 5 de outubro deixasse de raiar, empanada pelas negras sombras dum regimen decrepito e fallido.

Os engrandecedores do poder real, de mãos dadas com uma reacção feroz, que já dominava assustadoramente no paço e nas consciencias, seriam inexoraveis para com os vencidos, a quem perseguiriam atrozmente com furia sanguinaria, e ver-se-hia resurgir, talvez, nas praças publicas, o espectaculo infamante da forca e da fogueira, com esbirros ás ordens de novo Torquemada. Seria simplesmente um horror, um retrocesso pavoroso que encheria este bello paiz de opprobrio e de vergonha aos olhos das nações cultas.

Essa aurora, como o sol depois de espesso nevoeiro a querer offuscal-o, raiou formosa por todo o paiz que via nella um porvir risonho; e, num contraste singular, a generosidade do regimen nascente foi tão longe que, em vez de exemplar castigo, louvou, pelo contrario, a conducta heroica de Paiva Couceiro, o militar brioso que corajosamente bateu os principaes reductos da revolução, que nelle teve um inimigo leal e temeroso.

ECHOS

Manifestações... de badalo

Na visita official do governador civil de Vizeu á Pesqueira os sinos repicaram em festa.

Ora aqui temos nós uma manifestação que devia commover, se não surprehendeu, a pessoa desse representante do governo da Republica. Presa á ideia dos sinos anda a ideia do sagrado, do divino, e porque não dizel-o?—anda suspensa a propria ideia de Deus. Pôrem os sinos em festa á passagem dum representante da Republica, é demonstrar—aos que ainda não acreditam—que não ha incompatibilidade entre a Egreja e a Republica, e a prova está em que a primeira põe ao serviço da segunda... os badalos.

*

Ai a velhice!

Naquella jornada republicana que no preterito domingo fizemos ao Pevidem, ha um facto que, embora singelo, tem todavia significação para que se note. A's vivas acclamações gritadas por um grupo de republicanos, respondera uma velhinha encarquilhada que na estrada caminhava ao compasso do cajado:

«Viva o rei!
Morram os republicanos todos!»

Sincera a velha? Sem duvida.

Vivera de mais com a Monarchia para que se habituasse agora á Republica.

Era o passado e, como tal, não conceberia o presente.

A Republica viera tarde de mais para ella. Ha muitos exemplos assim. Respeitemos estas caturrices de velhos. Lembremonos que entre elles e nós rolaram annos que repesentam seculos de superstição. Um abysmo nos separa. São os representantes do passado; não queiramos transporta-los á nossa epocha, á nossa edade, ao nosso tempo... contra a sua vontade. Não desrespeitemos, seja embora em nome do progresso, a sinceridade dessas encarquilhadas reliquias.

Coitada da velha!

«Viva o rei!
Morram os republicanos todos!»

A velhota tinha razão...

Não se acostuma a ideias novas quem passou o melhor da vida... a suppôr tão mal da Republica.

*

Um áparte logico

O padre—que muitos querem que seja «um homem como os outros»—não passará, jámais, por ser «um bom padre» quando não faça revestir as suas palavras dum ar meio mystico, meio unctuoso.

Evidentemente o padre, para se fazer incutir na alma ingenua e simples dos devotos, deve aureolar-se daquella força magnetica e extranha que vem do sobrenatural e, se esse padre pretende crear doutrina nova, isto é, se elle quer ensinar ao povo o novo credo da Republica, ai, então mais esse padre carece de chamar a si essa magia do divino!

Vem isto a proposito daquelle áparte com que um aldeão cortára o discurso do snr. Padre Camillo de Oliveira, em missão de propaganda republicana no Pevidem:

«Onde foi a missa?»

E' que o nosso correligionario esquecera-se de compor a voz e o gesto, por exemplo—á Frei Manuel das Chagas. Assim, naquella semceremonia e desprendimento com que se apresentára e falara, francamente, fazia desconfiar, visto que uma cara rapada já hoje não denuncia um padre.

«Onde foi a missa?»

... e a eloquencia do orador, que algumas vezes terá sido *sagrada*, naquelle momento deixára de o ser porque lhe faltára... o tom de sermoneca.

*

Gloria aos vencidos

Dissera-se que o 31 de Janeiro fôra uma inexperiencia, uma loucura! Porquê?

Simplesmente porque o movimento abortára.

Ai dos vencidos!

Repete-se, 20 annos depois, esse gesto de armas e a revolução triumpha e a Republica vence. O que se ouve?

Que fôra uma coisa necessaria!

Ai dos vencidos!

Aos primeiros apontou-se-lhes, pela sentença dos tribunaes de Leixões, o degredo, o exilio, a perseguição e a morte. Aos segundos às homenagens e as hossanas duma apotheose triumphal!

E' logico e justiceiro o destino que assim differencia o mesmo acto?

Não é, sem duvida!

Digamos antes que o resultado não podia ser egual porque o segundo movimento dera-se 20 annos depois...o tempo duma mocidade mais, o que para uma ideia nova é tornal-a vigorosa duas vezes...

*

Os banquetes politicos

Embora muita gente não os aprecie...senão pelo gosto da comida, a verdade é que estes banquetes teem fins multiplos e diversos.

Assim nós vemos que é muitas vezes nesses momentos de confortante disposição, commungando o mesmo pão e o mesmo vinho, á mesma mesa, que altas affirmações se fazem, affirmações em cujas palavras a solemnidade do momento põe um cunho de compromisso imperioso.

Ainda como meio de propaganda os banquetes tiveram sempre o dom especial de decidir e encorajar vontades... não vontades desenvolvidas no apetite, mas para a lucta, para o combate.

Está claro que não queremos dizer com estas considerações que os banquetes politicos sejam a melhor maneira de fazer politica: são uma forma, e forma até muito para seguir quando não custam muito caro, porque, então, far-se-hia uma *politica de hoteleiro* e não é esse, evidentemente, o seu objectivo.

*

Pela Patria

Principia-se entre nós a discutir a conveniencia em organisar um batalhão de voluntarios.

Quem toca a reunir... a formar fileiras? Quem se decide a organizal-o?

E' a Commissão Municipal?

Ninguem se deve eximir ao serviço das armas. E' talvez assim que num futuro proximo a Republica poderá diminuir os exercitos permanentes—uma das coisas que tanto abalam os orçamentos.

Quem toca a reunir... a formar fileiras?

E' a Commissão Municipal?

E a policia civica? Quem é que pensa nisso?

*

Confrontos

Em Paris, Homem Christo percorreu as redacções tentando espalhar noticias alarmantes contra a Republica portugueza. Não teve acolhimento.

Em Villar Formoso foi preso um rapazola que era portador de folhetos do padre Gonzaga Cabral, jesuita-mór que foi destes reinos. Nelles procurava levantar os animos contra a Republica.

Depois disto e o mais que por certos meios se ouve e pelas aldeias se espalha, não espantam, evidentemente não espantam! os excessos *(sempre lamentaveis)* commettidos contra umas *capellas* reaccionarias de Coimbra!

A revoltante attitude duns incide no prazer de destruição doutros. E' dos instinctos humanos.

Ensaios de critica scientifica

(Conclue)

Provado que o desenvolvimento espontaneo da vida é actualmente impossivel, porventura isso pode destruir a concepção duma geração espontanea primordial, tendo logar num periodo geologico em que as condições do nosso planeta eram totalmente differentes das que hoje apresenta? De modo algum: e aqui se firma a hypothese scientifica da origem da vida.

A origem da vida, diz Flammarion, é tão natural, tão inevitavel como a origem dos proprios elementos chimicos. A vida organizada sobre a terra teve um começo espontaneo e natural e deu-se por um processo chimico—Eis a theoria scientifica, na sua base. Sobre os phenomenos que acompanharam esse processo chimico é que se bifurcam as opiniões. Vejámos, em linhas geraes, como Haeckel, a grande autoridade scientifica allemã, os explica.

Num determinado periodo geologico primitivo, quando a crusta terrestre chegou a um estado de arrefecimento que permittiu a condensação do vapor d'agua, estando a Terra em condições physicas puramente excepcionaes, os elementos, no estado nascente e sob a influencia dessas condições ambientes, combinaram-se e adquiriram o movimento vital, nascido assim duma simples transformação de movimento mechanico geral.

E' certo que as múltiplas transições por que passaram os elementos inorganicos até adquirirem a vida não os podemos reconstruir, no espirito sequer; todavia nós vemos accentuar-se, por exemplo, esta ideia acceitavel de que um crystal, com a sua forma definida e propria, constitue um elemento intermediario entre a materia bruta e a materia viva, um ser collocado ainda mais perto da segunda que da primeira. Não representando uma forma viva, pode classificar-se contudo um termo ultimo da vida. (Le Bon)

A passagem do ser mineral ao ser vivo é perfeitamente admissivel. Berthelot, provando a falsidade da separação da chimica em

mineral e organica, atirou por terra uma barreira supposta indestructivel e deu forças á theoria scientifica da origem mechanica da vida. As descobertas modernas sobre a radio-actividade, considerada como propriedade geral dos corpos, descobertas que, pela experiencia, levaram á conclusão de que a materia, longe de ser inerte, é uma fonte perénne de energia, é a propria energia condensada—mais vieram radicar esta hypothese biologica a que nos vimos referindo.

Por uma serie de acções chimicas successivas formar-se-hiam, desta forma, os albuminoides e, em seguida, o protoplasma vivo. Teriamos assim os seres primordiaes, «organismos sem orgão», dos quaes, por uma differenciação, resultaria o elemento cellular.

Da cellula em diante está o caminho indicado: esta, multiplicando-se, origina os aggregados cellulares, os quaes, por uma differenciação e localização de funcções, dam logar aos diversos orgãos. Temos assim reconstituido o ser vital completo.

Dois mysterios nos absorvem: o conhecimento exacto de todo o processo chimico que fez chegar a materia bruta á cellula viva e a interpretação das forças morphogénicas que conduzem esta ao ser vital superior. Nada nos auctoriza a affirmar que, um dia, o sabio não desvende esta esphynge. A theoria scientifica, no seu conjuncto, está lançada; e, por muito vaga que seja, para quem a analysar friamente, sem preconceitos nem paixões, é bem mais satisfatoria que a intervenção pueril do Deus-Creador, tirando as coisas...*do nada*.

Temos assim constituida uma escala vital ascendente:—a materia amorpha, o crystal, a planta e o animal.

Ha, por certo, grandes lacúnas entre cada um destes estadios (não tanto nos dois ultimos), mas todos elles estam ligados por um laço commum, sendo apenas formas estaticas diversas da mesma energia universal.

Posto isto, a pergunta que immediatamente surge ao nosso espirito é se a Vida é exclusiva do nosso planeta. Nada nos leva a julgar isto, a não ser que dêmos credito ás paginas da Biblia e façamos deste infinitesimo atomo perdido no espaço que é a Terra o centro do Universo (erro geocentrico) e do Homem o rei da Creação (erro anthropocentrico). A vida deve existir em outros mundos, posto que sob formas e manifestações que nós não sabemos imaginar e que, evidentemente, dependerão do estado de forças actuando á superficie desses mundos. Ha mesmo alguns sabios, como o astronomo Flammarion *(La pluralité des mondes habités)*, Büchner *(Force et matière)* e outros que aventaram a hypothese da vida sobre a terra ser de origem cosmica, isto é—trazida por um aerolitho caído á superficie da terra e que contivesse germens de vida existente em outro globo extincto por qualquer cataclismo. E' claro que esta hypothese, tornando a vida extensiva a outros planetas alem do nosso, em nada resolve, todavia, a questão inicial da origem dessa mesma vida—simplesmente afasta o problema.

Outras hypotheses, mais ou menos philosophicas, mais ou menos scientificas, existem, como a hypothese da eternidade da Vida (Helmholtz, Preyer, etc.) e outras que não referimos como a de Haeckel, por menos conciliaveis com a razão.

Admittida a hypothese scientifica que vimos de expôr, a theoria transformista, iniciada por Lamarck e continuada por Darwin, Huxley, Vogt, etc., completa a explicação deste ser superior que é o Homem, rodeado das infinitas especies inferiores e desta multiforme e variegada vegetação—maravilha da Natureza, conjuncto harmonico a que chamamos Vida!

Mario Cardozo.

Pela instrucção

(*Continuando*)

Apesar das constantes desillusões que o professorado tem curtido com os varios governos monarchicos na recepção das suas modestas e justissimas reclamações, tambem tem tido momentos de intimo jubilo, quando algum excepcional benemerito se tem lembrado de contemplar a benéfica obra da instrucção popular, já creando escolas, já dotando outras com o material indispensavel.

Entre todos os illustres filhos de Portugal, que se teem salientado no favoritismo á instrucção primaria, destacam-se dois vultos grandiosos; um nosso contemporaneo e quiçá conterraneo tambem—o benemerito Conde de Agrolongo; outro mais distante, é certo, mas egualmente na memoria de muitos patriotas—o nunca assaz lembrado Conde de Ferreira, fallecido na cidade do Porto em 24 de março de 1866.

Em seu testamento feito naquella cidade, poucos dias antes de morrer, elle legou, afóra 100 contos a diversos estabelecimentos de benificencia, 144 contos exclusivamente destinados á construcção de 120 edificios para escolas primarias.

Não foi simplesmente uma esmola que elle destinou para momentaneamente acudir a qualquer urgente necessidade; foi um padrão de gloria immorredoira por elle conquistado com o beneficio que, permanente, ficar a attestar o seu amor e tambem a sua compaixão pelos desventurados famintos de pão do espirito.

A unica condição, a tal respeito imposta aos seus testamentarios, foi a de serem construidos esses edificios nas terras que fossem cabeças de concelho, obedecendo a egual plano e com accomodação para a vivenda do professor.

Note-se que a esse tempo os professores primarios não tinham subsidio para arrendamento da sua vivenda, que por isso era paga a expensas suas.

Aproveitando tão importante donativo, o governo de então convidou as diversas Camaras Municipaes que desejassem ser contempladas, a concorrerem com uma verba não inferior a 400 mil reis para assim poderem desenvolver mais a elevada ideia do testador.

Tambem por essa opportunidade o então ministro do Reino, snr. Martins Ferrão, conseguiu a promulgação da lei de 27 de junho do mesmo anno, em que se menciona o plano geral das construcções escolares e da respectiva mobilia.

Se esse plano não é uma *maravilha* e as casas do Conde de Ferreira não são uns *palacios*, conteem, no entanto, os indispensaveis aposentos para a familia do professor, que ainda hoje é, na generalidade, pouco favorecido a tal respeito, preoccupando-se mais as entidades, que interveem nestes assumptos, em bem servir os politicos proprietarios, do que em tornar agradavel a existencia dos seus subordinados.

Por isso, na nossa despretenciosa opinião, seria muito conveniente, na proxima legislação escolar, ficar determinado que ao arrendar-se qualquer edificio para escola, se consultasse tambem o parecer do respectivo professor que, dentro da verba orçamental, ou até com algum auxilio seu, poderia, em muitos casos, obter installação mais accommodada ao seu gosto ou ás suas precisões familiares. De qualquer modo nunca se deveria fechar qualquer contracto arrendatario sem que o edificio fosse inspeccionado rigorosamente pela auctoridade sanitaria, ou, em caso de dúvida, por mais um facultativo indicado pelo professor.

Só assim se poria côbro ao intoleravel abuso d'alguns subinspectores installarem escolas no primeiro antro que aos politicos convenha, não se importando que nelles prejudiquem a saúde e até a moralidade de educandos e educadores!

A escola primaria que, pela sua propria designação, é aquella onde se bebem as primeiras noções da educação e instrucção, imprime no caracter dos seus frequentadores um *cunho* que jámais se apagará no decorrer dos tempos. Urge, pois, torna-la, tanto quanto possivel, attrahente e seductora, sendo a primeira condicção desse desideratum, uma cuidada installação.

O professor permanecendo, constrangido, num meio que lhe repugna, por insufficiencia moral, hygienica ou pedagogica, ha-de necessariamente resentir-se desse estado d'espirito, para, com interesse e amor, se dedicar á sua melindrosa tarefa, que elle vê, por experiencia, não ser apreciada convenientemente por aquelles que tinham o dever de lhe amenisar as agruras, não lhe produzindo, pelo menos, outras, impensada ou propositalmente.

—Alludimos, de principio, ao muito illustre benemerito snr. Conde de Agrolongo. Com effeito, este cavalheiro tem, em poucos annos, affirmado dum modo tão surprehendente, o seu amor á causa popular necessitada, quer do corpo, fundando e soccorendo hospitaes, quer do espirito, installando e favorecendo escolas, que seria incorrecção não lhe dedicar, neste logar, um testemunho de reconhecimento.

Homens, que tão bem saibam applicar a fortuna adquirida, ha poucos, e no nosso Paiz muito menos. As bençãos, que de todas as benéficas instituições de sua excellencia o acompanham no seu já notavel percurso, jámais deixarão de lhe acendrar no intimo d'alma, a continuação do seu bem-fazer. Homens assim, se pela inevitavel lei da humanidade, um dia desapparecem do seu seio, jámais a sua memoria se olvidará, porque ella será immorredoira como a sua obra—obra de redempção que passará álem dos seculos, sempre vivida e sempre benéfica.

(Continúa).

M. B.

Cynematographo

O cão do cego

EM FOCO...

VIVA AFFONSO COSTA!

Elle é o terrivel!

Elle é a sombra!

Elle é o pezadelo!

A' sua volta, á volta do seu nome erguem-se as hyenas, as viboras e os chacaes; por sobre sua cabeça talham-se sentenças, fuzilam indignações, trovejam coleras!

Com A, B ou C... tudo!

Com Elle... nada!

E estas vozes, estes dizeres, estes conceitos andam de bocca em bocca, correm por toda a parte, formando aqui opinião, acolá corrente, mais adiante partido... a correr... a correr...

Com Elle... nada!

E porquê?! e porquê?!

Ah! não deve o facto extranhar-se; é logico o que succede, não podia ser senão assim!

Para a gente devota e timorata, para os espiritos indecisos e acanhados, quem expulsou os jesuitas, quem convidou a sair as irmansinhas, quem decretou o divorcio, quem vae separar a Egreja, quem legislará o registo civil, não é o governo, não é o ministerio, não é a Republica — para essa gente devota e mal contricta, tudo, absolutamente tudo quanto se faz e, já agora, quanto se venha a fazer, é obra d'Elle, é vontade d'Elle, é responsabilidade exclusivamente d'Elle!

Elle é o terrivel!

Elle é a sombra!

Elle é o pezadelo!

E porquê?! e porquê?!

Percebe-se: Elle é o titan valoroso duma obra social profunda e enorme; Elle é o homem de Estado de pulso forte e cabeça... que poisa bem sobre um busto de heroe; Elle é a pupila que vê claro para fixar e medir quanto Portugal se arredara da marcha progressiva dos povos, aquelle que disse ao paralytico: —«Levanta-te e caminha!»

Arrancar uma nação do pauperismo, da enercia e da escravidão, essa tem sido a sua obra, obra colossal de demolição e reconstrucção nacional!

Não é, pois, de extranhar, antes se explica por maneira natural a corrente de desfavor que contra Elle se pronuncia por nossas terras! Era logico.

A' onda revolucionaria, ao phenomeno sismico da politica nacional que galga com impeto e com vantagem por sobre os escombros duma hecatombe formidavel, era de suppor que a *revanche* dum conservantismo obliterado se erguesse contra Elle.

Assim, pois, é vulgar, é corrente, é com insistencia que se ouve por ahi... nessas lojas, nas conversas, na intimidade:—A Republica admitte-se... tolera-se... não repugna ser republicano... vá lá, viva a Republica, que custa—menos com Elle!

Percebe-se e entende-se!

A Republica, que vos entrou a porta dentro, que vos bateu no hombro, que vos saccudiu, que vos chamou á realidade gritando-vos ao ouvido duro a certeza de que havia chegado, a Republica, que vos despertou duma lethargica modorra e duma obcecante cegueira, a Republica, que por tal maneira se vos pôz diante dos olhos, viva e forte, ardente e decidida, por certo—que duvida!—por certo que vos causou extranhesa, espanto, confusão! Era de esperar!

Nós cremos ter adivinhado, denunciando aqui neste logar qual era, qual seria para vós a melhor Republica! Evidentemente, inquestionavelmente que a vossa Republica ideal seria aquella que não passasse duma Republica disfarçada... simples mudança de scenario. Nada mais.

Todos sabem, reparae bem, que a vossa obediencia ao regimen deriva, não dum convencimento tacito e firme, producto dum jogo de raciocinio, de intelligencia e de vontade, mas sim dum maneirinho systema de ver as coisas.

Nós todos bem reparamos no vosso empecilhado escrupulo em acceitar *os fados*, vimos mesmo que a vossa preoccupação fôra, afinal, decidida por um... *modus vivendi* muito rasteirinho ou seja a vossa obediencia constante aos que estão de cima! O conservantismo é, pois, a vossa consciencia e, está provado, viu-se já e ha-de ver-se perpetuamente que, sendo vós os portadores de ideias... commodas, necessariamente que só empurrando-vos sereis capaz de caminhar. E' dos livros!

Para que fazermos, portanto, caso das vossas aprehensões e dislates apregoados contra esse que é o mais completo, o mais decidido e o mais valente paladino da Republica?!

Elle é o terrivel?

Elle é a sombra?

Elle é o pezadelo?

Tanto melhor para que o adoremos, para que o defendamos com a nossa sympathia.

Estamos, pois, com Elle.

Transformações profundas, concertos radicaes, medidas energicas, de tudo isso estava carecendo o paiz e tudo isso reclama a *elite* intellectual da Nação portugueza, a opinião solidamente republicana da patria portugueza!

Ficae-vos a sós! Com Elle estão os melhores!

Que a sympathia nos abeire, nos approxime, nos ligue mais á esquerda que á direita, isso é da natureza dos sentimentos, isso foi e terá de succeder sempre assim; mas não é isso, não é já essa corrente de opinião serena, pacifica e segura que entre nós se desenrola, desfia e manifesta contra Elle. Bem differente disso. O que se nota, o que se prescruta e deixa ver é que, quando vos pondes ao lado do caudilho republicano A, B ou C, não tendes outro fim em vista que não seja dar-vos ares e apparencias de pessoa independente que sabe distinguir, que sabe fazer justiça, sómente para que do contraste possaes mordel-o melhor, encobrindo pelo sophisma ardiloso o vil veneno da intenção!

Ah! mas descançae; nós conhecemos o *truc*, á maravilha!

Elle é o terrivel!

Elle é a sombra!

Elle é o pezadelo!

Sómente essas vozes que procuram attingil-o, estão a comprovar, estão a dizer melhor do que nós o poderiamos fazer, quanto vale a estructural figura desse homem que se chama—Affonso Costa!

E é assim por esta maneira edificante que Elle tem nos seus peores inimigos o seu melhor elogio...

Assim foi sempre, assim será mais uma vez!

COLABORAÇÃO EXTRANHA

JORNAL DO POVO

Cidadão Director da «Alvorada».

Os abaixos assignados Presidentes das Associações de Classe dos operarios alfaiates e costureiras, curtidores e surradores e fabricantes de calçado, tendo lido uma local inserta no jornal desta cidade «A Velha Guarda», de 1 do corrente, ácerca do protesto que as nossas associações enviaram á Camara, sobre o aggravamento dos impostos de consumo, veem ,expontanea e publicamente, declarar que as affirmações da «Velha Guarda» são redondamente falsas, por quanto ninguem nos indusiu a lavrar aquelle protesto, se não a nossa indignação, por vermos, e ser publico, a forma escandalosa, como a mesma Camara pretendia augmentar os seus rendimentos, extorquindo-os a todos os municipes, mas muito especialmente ao operariado, que mais consome os generos que pretendia sobrecarregar, facto que jámais acontecera com os municipios transactos, ainda assim está a cobrar impostos, sobre lenha, leite e milho que jámais nos annos anteriores não se cobravam, não estando de conformidade com os officios enviados ás nossas associações. Não fomos, cidadão Redactor, ludibriados por nenhum cacique, mas sim informados pelos proprios empregados da Camara de que já estavam em cobrança os referidos impostos. Ainda que muito resumidamente já sobre este assumpto se referiu o ex.mo cidadão Antonio Infante, correspondente nesta cidade para «O Primeiro de Janeiro», na sua correspondencia de 22 do mesmo mez e publicada no seu numero 26 de 31. Fazemos nossas as affirmações do referido cidadão por serem absolutamente verdadeiras.

Quanto ao facto do referido jornal asseverar *á «Alvorada» que os representantes das associações de classe não foram tal mal recebidos pela Camara,* basta dizer que fôra essa maneira menos delicada e attenciosa que nos decidira a trazer para a rua o nosso protesto que, se não chegára a explodir, deve-se isso á intervenção amiga do digno administrador do concelho, o qual nesse momento nos promettera pedir á Camara uma satisfação--satisfação que, se não existisse motivo não nos seria dada, como foi em officio de 25 de Janeiro do anno corrente.

Guimarães, 3 de janeiro de 1911.

João Cardozo
José Mendes d'Almeida
Manoel Ribeiro da Silva.

Alvaro Costa

Dizem-nos que se encontra em via de restabelecimento, o que muito estimamos, o snr. Alvaro da Costa Guimarães, que ultimamente soffreu uma melindrosa operação, que teve o melhor exito.

Que em breve possamos noticiar o seu completo restabelecimento são os nossos desejos.

Syndicança

Já se está procedendo á syndicancia aos actos das Municipalipades anteriores deste concelho, dedida pela actual Commissão Administrativa Municipal.

E' syndicante o snr. Alvaro Augusto Ferreira Pipa.

Serviço escolar de Guimarães

Ás Commissões Municipaes Republicanas, aos Administradores de Concelho, ás Juntas de Parochia, á Imprensa, a todas as collectividades e aos cidadãos do Circulo Escolar de Guimarães.

Guimarães, 28 de janeiro de 1910.

O dever mais sagrado que a todos se nos impõe neste momento historico é o de fomentar e derramar a instrucção popular por todas as camadas sociaes.

Não póde existir verdadeira democracia no seio d'um povo inculto, onde o cidadão desconhece os seus direitos e deveres. A' revolução que fez baquear um regimen, quasi oito vezes secular, tem de seguir-se outra de maior vulto ainda—a revolução nos espiritos. E esta só se opera na escola, educando a creança, formando-lhe o caracter, preparando lhe uma consciencia sã e livre de quaesquer preconceitos, em ordem a fazer-lhe sentir que apenas deve confiar nos seus proprios esforços, no seu trabalho, para ser util á Patria e a si mesma.

Ora, para isso, são precisas escolas, muitas escolas, mais do dobro das que possuimos.

O Governo provisorio da Republica assim o comprehendeu e tanto que, em pouco mais de tres mezes d'existencia, criou algumas dezenas d'ellas, que urge pôr a funccionar.

Não existe, porém, ainda verba no orçamento para acudir de prompto ás despezas com casas e habitação dos professores, mobilia e material d'ensino, pelo que venho fazer um appello ás entidades e pessôas a quem me dirijo, sollicitando-lhes o seu auxilio material e moral, afim de se obterem os meios necessarios de poderem ser postas a funccionar todas as escolas recentemente criadas neste circulo e as que vierem a criar-se nas mesmas condições.

O dever de patriotas impõe-nos que todos cooperemos com o Estado nesta grande obra de regeneração social e teremos, por esta fórma, prestado o melhor dos serviços á Patria e á Republica.

E' necessario, no entanto, achar uma fórmula pratica de se realisar esse desideratum. E, nesse sentido, lembro o seguinte alvitre:

a) Que nas sédes de cada um dos concelhos que constituem este Circulo se organise, desde já, uma commissão, a qual poderá denominar-se *Commissão promotora da instrucção popular no concelho de...*;

b) Que em cada freguezia dos mesmos concelhos se organize, por sua vez, uma commissão, a qual poderá denominar-se *Commissão promotora da instrucção popular na freguezia de...*

A *Commissão concelhia* poderá ser constituida por um ou mais representantes da Commissão Municipal Republicana, pelo Administrador do concelho, o Subdelegado de saude, representantes da Imprensa periodica, das collectividades mais em destaque, e pelos cidadãos que melhores serviços possam prestar á causa da instrucção.

A *Commissão Parochial* poderá ser constituida por um ou mais representantes da Junta de parochia, pelo Regedor, o Professor, nas freguezias onde o houver, e por aquelles cidadãos que mostrem decidido interesse pelo desenvolvimento da instrucção popular.

Os presidentes das Commissões Municipaes Republicanas devem tomar a iniciativa da organisação das commissões concelhias, e os das juntas de parochia organisarão as das respectivas freguezias. Se em alguma freguezia se não constituir a *Commissão promotora da instrucção popular*, tomarão essa iniciativa as commissões concelhias, ou qualquer cidadão.

Os fins principaes das commissões parochiaes devem ser:

a) Obter a cedencia de casa e habitação do professor, mobilia e material d'ensino, para as escolas recentemente creadas ou a crear, emquanto não existe verba orçamentada para occorrer áquellas despezas.

b) Angariar donativos para se fazer a installação das escolas em edificios proprios, mobilá-las e dotá-las do material d'ensino indispensavel;

c) Promover a creação d'escolas onde a sua falta se faz sentir;

d) Fomentar a frequencia escolar, já aconselhando os paes a mandar os filhos ás aulas, já proporcionando meios ás creanças pobres, que as não podem frequentar, por falta d'alimento, vestuarios, etc;

e) Finalmente, cooperar com as auctoridades competentes em tudo que tenda ao aperfeiçoamento do ensino primario, de fórma que, a par da instrucção indispensavel, na escola se ministre ás creanças uma educação integral, em ordem a formar cidadãos livres, conscios dos seus direitos e deveres, como convem a uma Patria tambem livre.

A's commissões concelhias,num sentido geral, competem as mesmas attribuições das parochiaes e ainda:

a) Supprir a falta das que, por qualquer motivo, se não organizem nalguma ou algumas freguezias do concelho;

b) Receber as communicações e reclamações das commissões parochiaes, resolver ácerca d'ellas e informar o sub-inspector sobre todos os assumptos que se relacionam com a missão em que se acham investidas, com tudo que interesse ao progresso e desenvolvimento da escola primaria, dando-lhe sempre conta dos beneficios e serviços prestados a favor da instrucção popular;

c) Prestar appoio moral e material ás commissões parochiaes, para que ellas possam desempenhar-se cabalmente da sua missão;

d) Promover, finalmente, tudo que possa concorrer para o desenvolvimento da instrucção popular no concelho.

São de tão elevado alcance os fins que me proponho que, decerto, nem as collectividades, nem os cidadãos a quem tenho a honra de me dirigir se escusarão a cooperar nesta santa cruzada do bem.

Sem o auxilio da iniciativa particular, a acção do Estado só por si não basta, para se levar a effeito a solução do problema educativo. Congreguemos pois, os esforços de todos nós, olhemos para a escola primaria com o carinho que nos merecem os pequeninos e teremos por esta forma resolvido a melhor obra de solidariedade, de confraternisação social. Sem preconceito algum d'ordem politica ou religiosa, vejamos apenas deante de nós milhares e milhares de creancinhas, a quem a sociedade tem o dever de ministrar o pão espiritual, educando-as, formando d'ellas bons e prestaveis cidadãos.

Unamo-nos todos e façamos convergir os nossos esforços em ordem a cooperar efficazmente com o Governo da Republica para que possamos ver em breve o nosso paiz caminhar a par dos que marcham na vanguarda do progresso.

Empenhemo-nos em promover a creação de todas as escolas que são precisas ainda, em organisar convenientemente as existentes, em fazer pôr a funccionar as que se acham encerradas por falta de casa, mobilia e material didatico, e teremos prestado o melhor dos serviços á nossa querida Patria e ás Instituições.

Ao dirigir este appello, faço-o convicto de que hei-de ser attendido com aquella boa vontade e o interesse que merece a causa que advogo, animado por uma fé viva, por uma crença segura no futuro, o qual reside na Escola Primaria.

Saude e Fraternidade.

O subinspector escolar,
Antonio Justino Ferreira.

Missão de Propaganda

A primeira missão de propaganda republicana ao Pevidem resulta numa manisfestação de vivo applauso ás novas instituições.

Foi uma jornada inolvidavel aquella que o Centro Republicano, de accordo com a commissão parochial administrativa de S. Jorge, promoveu no domingo.

Eram tres horas da tarde e, da cidade partia um longo cortejo de carros conduzindo áquelle populoso centro industrial numerosas pessoas ávidas de ouvir os oradores do comicio e assistir de perto á maneira como alli seria recebida a palavra da Republica.

Como não seria de estranhar, a briosa commissão parochial fizera uma recepção enthusiastica aos oradores e demais excursionistas, subindo aos ares numerosos foguetes e tocando uma musica a *portugueza*, seguindo agora o cortejo, acompanhado de muito povo, entre acclamações até junto do local onde se realisou o

Comicio

presidido pelo cidadão A. L. de Carvalho, nomeou este para secretarios José Pinto Teixeira d'Abreu, da commissão municipal administrativa, e José Mendes Ribeiro pela junta parochial da localidade. Fallaram por sua vez Mem Verdial, Padre Camillo de Oliveira e o administrador do concelho Dr. Eduardo d'Almeida, sendo todos os oradores muito applaudidos pela grande multidão de povo que attentamente assistiu. Findo o comicio por entre vivas manifestações á Republica foram os oradores e mais outros correligionarios convidados para um abundante e mimoso

Copo d'agua

offerecido pelo dedicado republicano, presidente da junta parochial de S. Jorge, snr. José Mendes Ribeiro, o qual decorreu intimo e enthusiastico.

Notas

—Foi distribuido um manifesto ao povo onde, em linguagem clara e incisiva, se demonstrava ao povo dos intuitos e vantagens da Republica.

—Uma filhinha do nosso correligionario José de Freitas, vestindo de Republica e empunhando a bandeira nacional, abria o cortejo.

Propaganda Republicana

No theatro D. Affonso Henriques realisa-se perante numerosa concorrencia uma sessão de propaganda republicana.

9 horas da noite o theatro cheio. Preside A. L. de Carvalho que nomeia para secretarios Mariano da Rocha Felgueiras e José de Freitas.

Foram oradores Mem Verdial, Padre Camillo d'Oliveira e Dr. Eduardo d'Almeida.

Muito applaudidos os oradores os quaes fizeram a apologia das novas instituições, escalpellisando a corrupção do regimen findo.

Eram 11 horas da noite quando a sessão de propaganda se encerrava.

A Revolta do Porto

No Centro Antonio José d'Almeida realisa-se uma sessão commemorativa do 31 de Janeiro.

A juventude vimaranense, que tem organisado um Centro sob a egide do grande tribuno do povo, organisou para a noite de 31 uma sessão commemorativa do 20.º anniversario da primeira revolta militar republicana, a qual se effectuara com crescida concorrencia.

Fallaram, historiando o movimento e explanando-se em considerações sobre educação civica, o director deste semanario e o nosso correligionario Serafim Rodrigues, sendo muito applaudidos, —especialmente o ultimo que é um orador incisivo e vigoroso.

Parabens á juventude pela sua primeira manifestação de vitalidade.

A proposito: sabemos que os sympathicos moços pensam em organisar uma escola nocturna de ensino gratis. Não devem esmorecer. E' dessa maneira que o Centro tem melhor justificação.

E, para o que prestarmos...

Tribuual Commercial de Guimarães

FALLENCIA

Para os effeitos legaes se annuncia que por sentença de 27 do corrente mez de janeiro foi declarado em estado de fallencia Julio Lopes Pereira Guimarães, commerciante e morador na freguesia de Moreira de Conegos, desta comarca, por haver cessado pagamento de suas obrigações commerciaes, sendo nomeado administrador da massa João Gualdino Pereira, negociante, desta cidade, e curadores fiscaes Antonio Guimarães, negociante, da cidade do Porto, e a firma commercial Duarte, Areias & C.ª, desta cidade, e sendo fixado o praso de trinta dias para a reclamação dos creditos, praso este que começará a correr da ultima publicação do presente annuncio.

Guimarães, 30 de janeiro de 1911.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
P. de Rezende.

O escrivão de 4.º officio,
João Joaquim d'Oliveira Bastos.

SALGADO

RUA NOVA DE SANTO ANTONIO—**GUIMARÃES**

Grande saldo de pellerines e bichos de pelle

Com abatimento de 50 e 70 por cento

Camisolas de lã para senhora e homem

CASA COMMERCIO E INDUSTRIA

FUNDADA EM 1864

AUGUSTO CUNHA & C.ª

27, Rua Nova de Santo Antonio, 29

Armazem de ferragens nacionaes e estrangeiras

Vendas por junto e a retalho

Armazem de Lanificios e Tecidos d'Algodão

DE

DUARTE, AREIAS & C.ª

Largo do Toural, 130 a 132 e Rua Nova de Santo Antonio, 1 a 5

GUIMARÃES

Vendas a preços fixos

Atelier da Moda

High-Life

Chapeus para senhora e creança

Exposição permanentemente aberta no 1.º andar

Grande sortido de luvas para inverno

Ultimas novidades

93—Rua da Rainha—97

CARDOSO

TOURAL N.º 102 E 104

A casa que vende mais barato

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	600 „	Repetição, por linha	20 „
Brazil, anno (moeda forte)	2$500 „	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 „	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA *Ex.mo Snr.*

.....

.....